

## *O sol que nascia do teto preto*

*O sol que nascia do teto preto* – Natália Noronha

**Biografia do Autor:** Natália Noronha nasceu no dia 17 de janeiro de 1996. Caracteriza-se, como bem disse seu antigo professor de Língua Portuguesa, pelo lirismo que carrega em seu cotidiano. Seu primeiro livro, escrito sob o nome de Natália Tavares, se chama “A morte do tempo. A segunda obra está intitulada como Os Últimos Dias de Isabela Garbocci.

**Resumo do Texto:** Uma crônica sobre um amor malfadado, que resulta em abusos e em uma final libertação.

Meu amor me tomou para si e rompeu quaisquer laços que eu possuísse com a liberdade. Eu me tornei absolutamente presa, de súbito, e eu não tinha mais para onde correr. Não que eu quisesse correr; eu gostava de minhas amarras e das marcas arroxeadas que elas provocavam em meus punhos e tornozelos. Eu me poria nua e amarrada sobre louças de prata, com uma maçã em minha boca, de modo a ser devorada por meu amado – e, conseqüentemente, habitar cada recanto de suas entranhas, de seu sangue e suas células e, assim, seu coração.

Eu havia me entregado por completo em uma tarde de quinta-feira. Era uma tarde qualquer, daquelas bem tediosas; não me recordo se era verão ou inverno – estava quente, mas sempre está quente no Rio de Janeiro. Foi o dia em que perdi minha alma e meu livre-arbítrio: ele era um demônio disfarçado de anjo, mas eu não sabia disso, eu não tinha medo disso, eu apenas me senti feliz, feliz como um gato que consegue o peixe. Eu era o peixe, embora não fizesse ideia.

Meu coração batia e batia como as asas ávidas de um beija-flor, que precisa manter seu ritmo, ou de outra forma seus batimentos cardíacos cessam. Eu me sentia à mercê de meu amado, eu me sentia completamente vulnerável, e ele aproveitou minha ingenuidade para me pôr as famigeradas amarras que marcam os pulsos e tornozelos. O beija-flor que caía na planta-carnívora sem hesitar. A raposa-do-deserto havia sido picada pelo escorpião.

Passei alguns anos de minha vida sob aqueles cuidados não muito extremosos de meu amado – ele me mantinha em quarto sem janelas, de teto, paredes e chão pretos, e eu não via a luz do dia – não a natural – via-o quando resolvia me visitar – e ele era sol em sala preta, de teto, paredes e chão negros. Eu era seu animal de estimação, a sua prostituta que não recebia pelo serviço, mas que se deleitava em realizá-lo. Qualquer carícia de meu amante me era pura emoção trêmula; meus joelhos incertos, e as mãos hesitantes, e os lábios entregues e as pernas abertas – tudo para agradá-lo, tudo para agradá-lo! E jamais um agrado para mim! Era jaula, era quarto sem janelas. Quarto preto sem sol.

Talvez o sol da esperança de que, um dia, talvez eu viesse a ser amada por quem amava.

Eu vivia em estado de pânico, temendo o dia em que ele fosse me deixar. Ele me deixou sem ir embora. Encontrou uma garota, amou-a, namorou-a, e eu fiquei ali no quarto sem janelas. Às vezes ele vinha me visitar, mas agora com menos frequência. E eu, cada vez mais desesperada, mais angustiada, via-me enroscada na não-liberdade do amar. No pesadelo, eu vivia no pesadelo, aqueles em que você quer acordar, mas não há como, pois já está com olhos abertos, e sente o beliscão que inflige a si. Eu estava desperta! Desperta no pior sonho que minha mente era capaz de projetar! Eu o tinha, mas não o tinha; amava-o, mas ele não me amava! Horror! Horror!

Era o cárcere dos apaixonados. O sofrimento de doar. A doçura de receber restos.

Trajando uma coroa de flores mortas, um vestido de noiva puído e cheio de traças e empunhando um crucifixo ensanguentado, eu caminhava altiva em direção ao meu altar suicida. Era o sacrifício das impuras. Trucidei meu destino, estuproi minha inocência, entreguei-me a alguém que me usava, que me abusava! Abusava, sim, de meus sentimentos, de minha carência, de minha fácil entrega. Alguém maquiavélico que se utilizava de minhas fraquezas mais delicadas para o bel-prazer. Estava perdida, perdida, era o suicídio das impuras!

Um dia eu cresci, e fiquei grande demais para o quarto preto sem janelas. Eu cresci e destruí a casa que me aprisionava. Quebrei parede por parede, improvisando janelas. Pisei nos quadros, joguei no chão vasos de cristal negro. Eu abri os olhos e vi o sol pela primeira vez em muitos anos; era hora de despertar de meu pesadelo vívido. Amei quem não merecia meu amor. Mas, agora, eu era uma gigante. Eu era enorme. E podia me libertar das amarras. Com força estrondosa, abri os braços e as pernas e as cordas se romperam – eu estava livre, livre! Machucada, abusada, sangrando, chorando, gritando, berrando, puxando os cabelos pela raiz, completamente traumatizada; mas estava livre, livre! Podia viver novamente. Eu pude ver a luz do sol.

Era meu renascimento.